

Vocalização da lateral em coda silábica em duas variedades do português

Vocalization of the lateral in syllable coda in two Portuguese varieties

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.39998>

Silvia Figueiredo Brandão

Professora Titular de Língua Portuguesa (UFRJ), Doutora em Letras Vernáculas (1988, UFRJ), atua desde 1978, na Área de Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ. Em 2009, realizou estágio pós-doutoral, com bolsa CAPES, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2008 e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ (2015-2017). No Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, desde 1990, desenvolve e orienta pesquisas no âmbito da Sociolinguística Variacionista e da Dialectologia, em especial nos campos da Fonética-Fonologia e da Morfossintaxe. Entre 1994 e 1996, coordenou o GT de Sociolinguística da ANPOLL, e, entre 2000 e 2004, o Projeto VARPORT (Análise Contrastiva de Variedades do Português), de Cooperação Internacional - CAPES-FCT (Brasil-Portugal). Em 2014, foi eleita Vogal da ALFAL, associação em que também coordena o Projeto 21.

E-mail: silfibran@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6236-5679>

RESUMO

Neste estudo, de caráter descritivo preliminar, focaliza-se a lateral em coda silábica interna e externa no Português de São Tomé e no Português de Moçambique, segundo os princípios da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), buscando-se determinar os fatores que condicionam a vocalização desse segmento. Para fins de comparação, faz-se uma síntese sobre o comportamento de /l/ no Português do Brasil e no Português Europeu. As análises variacionistas demonstram que, nas duas variedades africanas, a regra é ainda pouco produtiva (predominam as variantes velarizada e alveolar) e que variáveis tanto sociais quanto estruturais se mostram salientes para a implementação de [w] a depender da posição da sílaba.

Palavras-chave: Lateral. Coda silábica. Vocalização. Português de São Tomé. Português de Moçambique.

ABSTRACT

In this study, of a preliminary descriptive character, the lateral consonant is focused on internal and external syllabic coda in the Portuguese of São Tomé and in Portuguese of Mozambique, according to the principles of Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), seeking to determine the factors that condition the vocalization of this segment. For comparison purposes, a summary is made of the behavior of /l/ in Brazilian Portuguese and European Portuguese. The variationist analyzes show that in both African varieties: the rule is still not very productive (the velarized and alveolar variants predominate), both social and structural factors contribute to the implementation of [w] in the two syllable positions. The variationist analyzes show that in both African varieties: the rule is still not very productive (velarized and alveolar variants predominate), and social and structural variables are prominent for the implementation of [w] depending on the syllabic context.

Keywords: Lateral. Syllabic coda. Vocalization. Portuguese of São Tomé. Portuguese of Mozambique.

Introdução

Os sons laterais são geralmente definidos como segmentos produzidos com uma oclusão ou constrição em algum ponto ao longo da linha sagital medial do trato vocálico, sem que haja um impedimento total à passagem de ar, pois a corrente passa pelos lados da oclusão. Em termos fonotáticos, o [l] pode ocupar diferentes posições na sílaba no âmbito de diversas línguas. (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 182.).

Dentre as variáveis que se têm mostrado significativas para a observação de processos de variação e mudança em Português encontra-se a lateral [+ant], que pode ocorrer no ataque simples (/Vado) e complexo (*pIanta*) e na coda interna (*baIde*) e externa (*fumiI*). Nas duas últimas posições, pode dar-se um processo de vocalização difundido praticamente por todo o território brasileiro. Embora considerado por Cunha (1986), Révah (1958, 1959) e Teyssier (1982) um aspecto inovador do Português do Brasil (PB), Lausberg (1974), Nunes (1960) e Silva Neto (1970) indicam que, desde épocas remotas, na passagem do Latim ao Português, já se observavam casos de pronúncia do /l/ em coda como [w], conforme atestam, por exemplo, *a[l]teru>a[w]tro* (outro), *pa[l]pare>pa[w]pare* (poupar) e *cauculus* por *calculus* (cálculo), registrado no século IV (VÄÄNÄNEN, 1975 *apud* DEMASI, 1995). No Português Europeu (PE) atual, diferentemente do que ocorre no PB, em coda silábica /l/ é normalmente concretizado, segundo Mateus e d'Andrade (2000), como lateral velarizada – [ɫ] –, como em *se[ɫ]va*, sendo a vocalização um processo ainda incipiente, como se verá na próxima seção.

Neste estudo, de caráter essencialmente descritivo, focaliza-se a vocalização de /l/ no Português de São Tomé (PST) e no Português de Moçambique (PM), aqui representados pela fala urbana de São Tomé e de Maputo, no intuito de verificar como se apresenta o processo nas normas em construção dessas duas variedades africanas. Parte-se da hipótese de que nelas a vocalização é ainda pouco produtiva, predominando as variantes velarizada e alveolar, motivo pelo qual se considera prematuro propor uma regra variável que dê conta da implementação da vocalização, cujos *inputs* são baixos em ambas as variedades. Acredita-se, ainda, que fatores sociais, como o nível de escolaridade do falante, o sexo ou o fato de ser usuário do Português como L1 ou L2 (no caso de Moçambique) possam estar condicionando sua difusão.

Para continuar a desenvolver o tema, comentam-se, de forma breve, alguns estudos sobre a variável no âmbito do PB e do PE e um artigo recém-publicado sobre o PST (seção 1), situam-se e caracterizam-se, brevemente, do ponto de vista linguístico e sociocultural, as duas áreas de pesquisa (seção 2), indicam-se os princípios teórico-metodológicos que nortearam as análises (seção 3), apresentam-se os resultados obtidos (seção 4), seguidos das considerações finais, em que se busca sintetizá-los e avaliá-los.

1. Variação da lateral em coda silábica

Tendo em vista serem raros e recentes os estudos de cunho fonético-fonológico sobre variedades africanas do Português – sobre a lateral só se conhece Vieiras; Balduino, 2020 –, parece importante trazer alguns resultados de pesquisas no âmbito do PB e do PE, como indicações para a formulação de hipóteses sobre o processo de vocalização no PST e no PM.

No Português do Brasil, além da vocalização e da velarização, há outras variantes, muitas delas atribuídas à fala popular e de cunho estigmatizante: o cancelamento (*su[ø]*), a permuta por tepe (*a[r]gum*), ou pela aspirada (*cá[h]culo*), a vocalização pela semivogal anterior (*a[j]tura*), a troca pela aproximante retroflexa (*a[ɻ]cançar*).

Todas as mencionadas variantes foram atestadas, por exemplo, na fala rural do Norte e Noroeste do Rio de Janeiro por Quandt (2004), embora a vocalização tenha ali alcançado o índice de 87%. No âmbito da fala culta, Callou, Moraes; Leite (2002, p.540), observando a vocalização da lateral em coda nos inquéritos do NURC, afirmam que

[...] no Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Salvador (SSA) e Recife (RE) o processo de vocalização está quase completo, em posição final de vocábulo. Em posição interna, em Salvador, o processo encontra-se em estágio menos avançado e, em Porto Alegre (POA), o processo é neutro em ambos os contextos

Outros estudos sobre o PB também atestam variantes da lateral em coda. Na linha dialetológica, há os trabalhos realizados no início do século passado, aproximadamente entre 1920 e 1950, pelos primeiros dialetólogos e os hoje já numerosos atlas linguísticos regionais¹. Na linha sociolinguística variacionista, inscrevem-se, entre outros, os de Teixeira (1995), Dal Mago, (1998), Costa (2004), Sá (2006), Hahn e Quednau (2007), Hora (2006), Battisti e Moras (2016), alguns deles apresentando, ainda, interpretações fonológicas. Além desses estudos, cabe mencionar o de Tasca (2002), que reunindo resultados de variáveis sociais de sua tese (1998) e da de Espiga (1999), bem como da dissertação de Quednau (1993), afirma que

¹ Tendo em vista o número já significativo de atlas linguísticos regionais brasileiros, para informações, consulte-se <https://alib.ufba.br/>.

o comportamento da lateral pós-vocálica no Rio Grande do Sul denuncia a existência de uma regra telescópica; quer dizer, é possível, sincronicamente, observar a existência das diferentes formas em que se transformou esse segmento no curso da história: de alveolar [l] para velar [ɫ], desta para velarizada-labializada [lʷ] e, finalmente, para semivogal [w]” (p. 297).

No PE atual, em coda silábica, /l/ é normalmente concretizado, segundo Mateus e d’Andrade (2000), como uma lateral velarizada – [ɫ] – como em *se[ɫ]va* e *cana[ɫ]*. Em relação a essa variedade, conhece-se apenas um estudo que examina, na perspectiva sociolinguística quantitativa, a possibilidade de variação de /l/ (LEITE; CALLOU; MORAES, 2007), que se passa a comentar para servir de base à comparação com o que se registra no PST e no PM. No artigo, os autores comparam o PB ao PE fundamentados em amostras constituídas com base em entrevistas com falantes cultos das cinco cidades do projeto NURC e com informantes representativos das falas culta e popular do Projeto Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Depois de tecerem observações sobre a atuação no PB de fatores sociais (faixa etária, gênero) relevantes para a implementação de [w] a depender do dialeto, mencionam as de natureza estrutural: em contexto antecedente, uma vogal baixa condiciona a vocalização enquanto [u] a inibe. Na coda interna, a presença de consoante velar leva à velarização, num processo assimilatório.

No que se refere ao PE, afirmam que, na fala culta, além da variante velarizada – a mais frequente – registraram-se a vocalização (18%), a lateral alveolar e o cancelamento, sendo, como no PB, atuantes para a implementação do processo o tipo de vogal antecedente, a posição da sílaba no vocábulo e o tipo de consoante subsequente. Assim, a vocalização no PE, embora rara, seria favorecida quando o /l/ está em coda interna (87% de frequência) depois da vogal [a] (*a[w]deia*, *ca[w]ça*) e [u] (*resu[w]tado*) e antes de oclusiva alveolar, 32%, (*sa[w]do*) e de fricativa labial, 26%, (*po[w]vo*).

Os autores comentaram, ainda, os resultados referentes à fala popular. No PB, o índice de vocalização foi de 96%, não tendo se mostrado favorecedor nenhum dos fatores sociais ou estruturais, o que demonstrava que a regra estava em via de plena implementação. No PE, confirmou-se a sua baixa frequência, tendo-se mostrado salientes a vogal antecedente e a posição na sílaba.

Leite, Callou e Morais (p. 429) concluem que, no Rio de Janeiro, a regra de vocalização está estável na fala culta e completa, na fala popular, enquanto, em Lisboa, é pouco frequente em ambas as variedades; e, no tocante à realização de /l/, há significativa diferença entre o PB e o PE. E finalizam:

De todo modo, o processo inovador na realização vocalizada de /l/ em coda silábica no português brasileiro, teria um rastro milenar. Inovador, com certeza, é o avanço do processo de vocalização no Brasil, que invade, inclusive, áreas consideradas até bem pouco tempo como mantenedoras de [ɫ] velar, como o extremo sul do país.

Quanto ao PST, Vieiras e Balduino (2020) focalizam o cancelamento de R, S e L em coda procurando determinar se haveria alguma influência do Forro na queda desses segmentos, sobretudo no âmbito de R e L, que, segundo eles, não seriam licenciados na coda (p. 12) nesse crioulo. Para tanto, valeram-se de cinco das entrevistas realizadas em São Tomé em 2016 e 2019, considerando, para fins de análise a classe gramatical, a posição (final ou não final), e a tonicidade da sílaba em que ocorre o segmento-alvo, limitando a seis o número de ocorrências de cada item lexical. Assim, obtiveram 318 ocorrências de L correspondentes a 120 itens lexicais. A análise dos dados de /l/ demonstrou que o apagamento, em contexto interno, é da ordem de 32,67% e, no externo, de 16,67%. Quanto à vocalização, num total de 150 dados em coda interna e 168 em coda externa, respectivamente 56% e 67,86% teriam sido produzidos como [w], o que vai de encontro aos dados expostos neste trabalho, que indica que no PST a vocalização ainda é incipiente. Isto talvez decorra do fato de a amostra ter sido organizada com base em entrevistas realizadas em 2009. Como o Português é hoje a língua de mais de 98% da população, pode ter ocorrido, no decorrer de uma década, uma aceleração do processo de vocalização e de cancelamento de /l/, da mesma forma que houve, em relação ao R, a sua posteriorização para [ʀ], em alguns contextos, de acordo com Bouchard (2017), e que foi registrado, em baixíssima escala, na fala de apenas duas informantes na referida amostra coletada em 2009 que serviu de base ao estudo de Brandão et al (2017).

2. Breve caracterização das áreas da pesquisa

2.1 São Tomé e Príncipe

A República Democrática de São Tomé e Príncipe é um arquipélago cujas duas maiores ilhas dão nome ao país. Situada no Golfo da Guiné, na costa ocidental da África, pertenceu a Portugal da segunda metade do século XV (1470) até 1975, ano de sua independência. Com um total de 1.001km² de extensão, contava em 2017, segundo o INE², com 197.700 habitantes, dentre os quais 133.748 (67,7%) residentes em áreas urbanas. Com uma taxa de alfabetização da ordem de 90,1%, o país conta, atualmente, com quatro instituições de ensino superior, uma delas pública, com um total, em 2015/2016, de 3.219 alunos inscritos. A capital, São Tomé, onde ocorrem as principais atividades comerciais, é o principal porto do país e dispõe de estrutura precária.

Em São Tomé e Príncipe, em que coexistem diversas línguas, os três crioulos autóctones de base lexical portuguesa (o Forro ou Santomé e o Angolar na ilha de São Tomé e o Lungi'e, na ilha do

² Todos os dados estatísticos aqui referidos foram obtidos no site do Instituto Nacional de Estatística, de São Tomé: <https://www.ine.st/>.

Príncipe) bem como o cabo-verdiano, entre outras, vêm perdendo espaço, pois, como salientam os informantes da pesquisa, é fundamental falar o Português, a língua oficial, para terem acesso a melhores oportunidades de trabalho. Araújo (2020) retrata a atual situação, afirmando que São Tomé e Príncipe, antes um espaço multilíngue, caminha na direção do monolinguismo, confirmando a observação de Hagemeyer (2009, p. 20) para quem, face à situação linguística que ali se desenhava, São Tomé seria “o único país da África de língua portuguesa [...]” em que haveria “condições para a emergência de uma nova variedade”.

2.2 Moçambique

A República de Moçambique, com um total de 799.380 km², está situada no sudeste do continente africano. Segundo seu Instituto Nacional de Estatística,³ conta com uma população estimada, em 2020, de 30.066.648 habitantes distribuídos por 11 províncias. Somente 31,6% da população vivem na zona urbana, sendo a taxa de analfabetismo muito alta (44,9%, dados de 2010). Na menor das províncias, a da cidade de Maputo, a capital, antes da independência denominada de Lourenço Marques, concentram-se as atividades financeiras, corporativas e mercantis do país.

Segundo Chimbutane (2018), embora os portugueses tenham chegado a Moçambique em 1498, só em finais do [século] XIX as atuais fronteiras foram definidas e a relação entre os dois países foi institucionalizada”, sendo que “os portugueses só alcançaram a pacificação e o efetivo controle do território em inícios do século XX” (p. 91). Só então se deu a expansão, embora limitada, da língua portuguesa.

Moçambique é uma nação multilíngue. Estima-se que haja cerca de 22 línguas do grupo Banto (PAULA; DUARTE, 2016, p. 353-354) a depender da província, entre as quais o Changana e o Rhonga citadas como sua L1 ou L2 pelos informantes desta pesquisa.

3. Aspectos teórico-metodológicos

As análises que se apresentarão na seção 4 foram realizadas segundo os princípios da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), que tem como fundamento a noção de heterogeneidade ordenada, dependente da atuação de restrições estruturais e sociais que caracterizam as regras variáveis e podem agir nos processos de variação e mudança.

³ Disponível em <http://www.ine.gov.mz/>.

Os dados que constituíram as amostras que serviram de base às análises foram selecionados de 35 entrevistas do tipo DID, 17 realizadas na cidade de São Tomé em 2009 e pertencentes ao Projeto VAPOR do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e 18 realizadas em Maputo em 2016, pertencentes ao Corpus Moçambique (VIEIRA; PISSURNO) e acessíveis em www.corporaport.lettras.ufri.br. Os dados foram submetidos ao pacote de programas GOLDVARB-X, que fornece índices (percentuais e pesos relativos) referentes à atuação dos fatores das variáveis consideradas.

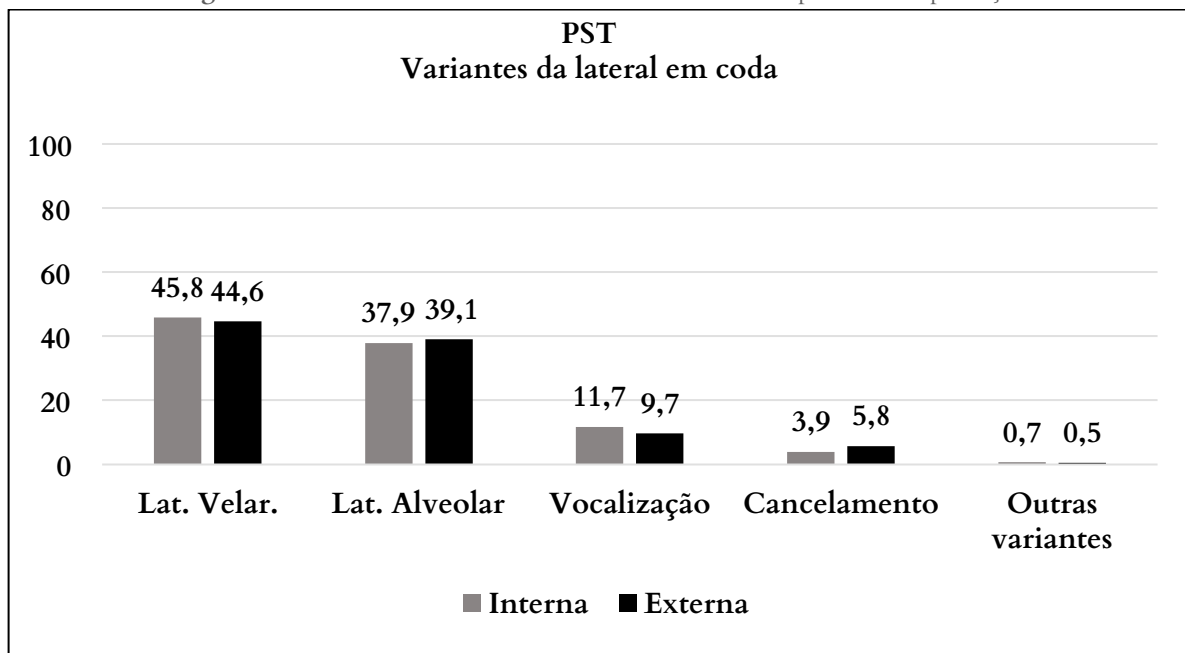
Para viabilizar a comparação entre as duas variedades africanas, seguiram-se parâmetros comuns na análise dos dados, sem, no entanto, deixar de levar em conta especificidades de cada comunidade. Assim, os informantes estão distribuídos por *sexo*, três *faixas etárias* (18-35 anos, 36-55 anos e 56-75 anos) e três *níveis de escolaridade* (fundamental: 5 a 8 anos; médio: 9 a 11 anos; superior). No caso de São Tomé todos os informantes têm o Português como L1, mas, no de Moçambique, há onze que falam o Português como L1 e sete como L2, o que retrata, de certa forma, a realidade de Maputo, onde mais se concentram os falantes de L1. Essa assimetria na constituição da amostra e nos resultados das análises preliminares em que se observaram, separadamente, esses dois grupos de falantes, levou a considerar, na análise final, apenas os fatores estruturais que estariam concorrendo para a vocalização, ainda pouco representada na fala dessa comunidade.

Constituíram-se, para cada variedade, duas amostras: /l/ em coda interna e /l/ em coda externa, controlando-se, além da posição do segmento na sílaba, as seguintes variáveis estruturais que vêm sendo consideradas em outros estudos sobre a variável: *contexto* antecedente (vogal), *modo* e *ponto de articulação da consoante subsequente*, *classe* e *dimensão do vocábulo*, *tonicidade da sílaba em que incide o segmento*, *natureza do segmento subsequente* (vogal, pausa ou consoante, só no contexto final). Selecionaram-se todas as ocorrências de /l/ em coda a partir dos primeiros cinco minutos das entrevistas. Nas análises, tomou-se como valor de aplicação a variante vocalizada em contraposição às demais.

Nas Figuras 1 e 2, a seguir, indicam-se os índices percentuais das variantes registradas por variedade e contexto, bem como exemplos a elas referentes, de modo a caracterizar a variação encontrada nas duas variedades.

Como se pode verificar, na fala de São Tomé, a lateral velarizada é a mais recorrente, enquanto na de Maputo a mais frequente é a alveolar. Todas as variantes distribuem-se pelos contextos interno e externo com índices muito semelhantes, embora a vocalização seja mais atuante no PM (20% e 15,1%) do que no PST (11,7% e 9,7%).

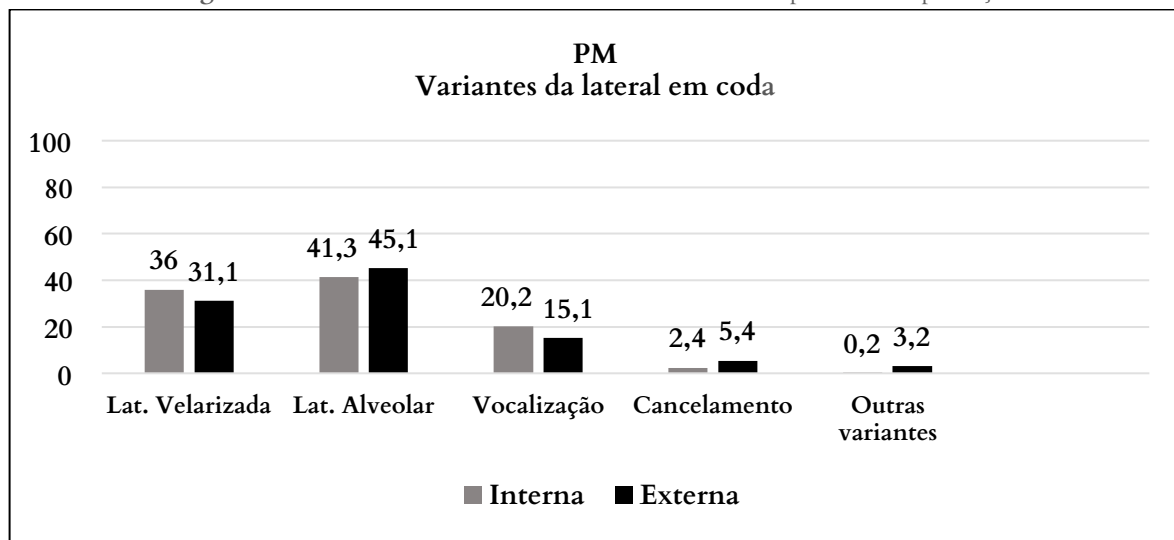
Figura 1 – Variantes da lateral anterior em coda no PST e respectiva exemplificação



Exemplos				
assa[ʔ]tos	dificu[l]tava	sa[w]dar	ju[]gar	a[r]ta / igua[li]dade
dominica[ʔ]	hospita[l]	centra[w]	difici[]	mi[li] / naciona[le]

Fonte: Freitas e Nunes (2019, slide 11).

Figura 2 – Variantes da lateral anterior em coda no PM e respectiva exemplificação



Exemplos				
divu[ʔ]gou	gera[l]mente	qua[w]quer	ú[]timo	a[r]ta / igua[li]dade
provave[ʔ]	futebo[l]	norma[w]	saudáve[]	metical[i] / su[r]

Fonte: Freitas e Nunes (2019, slide 12).

4. O processo de vocalização em coda

A exemplo do que se observou no PE, a vocalização, nas duas variedades africanas, é mais atuante em coda interna do que externa, como se demonstrou, em percentuais, nas Figuras 1 e 2 e como indicam os inputs da regra: em coda interna, .10 no PST, .18 no PM; em coda externa, no PST, .08 e no PM, .13. Embora os índices sejam baixos, a vocalização já constitui, nas duas áreas, uma regra variável nos termos de Labov (2003), e está presente, com maior ou menor frequência, na fala da maior parte dos indivíduos.

4.1 No PST

Para a análise em *contexto interno*, contou-se com 751 dados de /l/, dos quais 88 (11,7%) foram produzidos como [w], mostrando-se atuantes para a vocalização fatores relacionados às variáveis *vogal antecedente*, *sexo* e *tonicidade da sílaba*, conforme se verifica na Tabela 1.

Deve-se observar, no que tange à variável *vogal antecedente* – a que se mostrou mais saliente para a vocalização – que só se levaram em conta 713 dados, tendo em vista que, na amostra (i) em 7 ocorrências de [e] e em 27 de [i], a vocalização só se efetivou, respectivamente, no advérbio *razoav[ew]mente* e no substantivo *f[iw]me*; (ii) o único dado de [ɔ] foi sucedido por [ʔ]; (iii) não houve casos de vocalização depois de [ɛ]: nas 3 únicas ocorrências desse segmento só se registrou a variante velarizada. Em suma, desconsideraram-se os dados categóricos da variante velarizada (casos de [ɔ] e de [ɛ]) e quase categóricos de velarizada/alveolar (casos de [e] e [i]). Em função disso, também o número de ocorrências da semivogal passou a 86, já que se eliminaram os dois dados referentes a [e] e [i]⁴.

Ao que tudo indica, as vogais [o] e [a], ambas [+ recuadas], propiciam a implementação da regra, que é ligeiramente mais frequente na fala das mulheres (p.r. .59) do que na dos homens (p. r. .44) e mais produtiva nas sílabas pretônicas (p. r. .54).

⁴ Esses procedimentos, embora usuais em análises variacionistas, são aqui explicitados para melhor compreensão da análise.

Tabela 1 – PST: atuação de três variáveis para a implementação da variante [w] da lateral anterior em coda interna

PST – /l/ em coda interna				
Vogal antecedente	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
[a]	62/476	13	.54	qua[w]quer
[o]	19/94	20,2	.69	desenvo[w]ver
[u]	5/143	3,5	.23	adu[w]to
Sexo	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Homem	46/478	9,6	.44	so[w]teiro
Mulher	42/273	15,4	.59	fa[w]ta
Tonicidade da sílaba	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Pretônica	78/595	13,1	.54	a[w]gum
Tônica	10/156	6,4	.34	vo[w]to
Input: .10			Significância: .012	

Fonte: Freitas e Nunes (2019, slide 15).

No que respeita à *coda externa*, computaram-se 709 dados, dos quais 69 (9,7%) com vocalização, condicionada pelas variáveis *sexo* e *contexto subsequente*, conforme a Tabela 2.

As mulheres são as impulsionadoras do processo, com p. r. .68, dez pontos a mais do que em contexto medial. No que concerne ao contexto subsequente, o único relevante foi a pausa (p. r. .60).

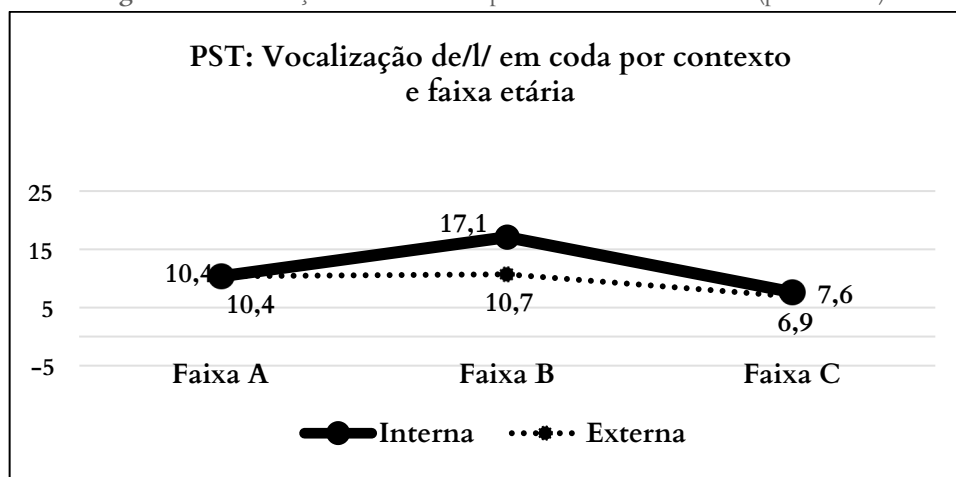
Tabela 2 – PST: Atuação de duas variáveis para a implementação da variante [w] da lateral anterior em coda externa

PST – /l/ em coda externa				
Sexo	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Homem	29/463	6,3	.40	tão rígido como o colonia[w]
Mulher	40/246	16,3	.68	portei-me ma[w] né?
Contexto subsequente	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Vogal	6/132	4,5	.31	a língua naciona[w] [e]stá muito bem colocada
Consoante sonora	12/129	9,3	.50	o pape[w] [d]e inspeção é controle
Consoante surda	11/129	8,5	.45	fazer a coisa aqui ta[w] [k]omo eles vêem
Pausa	40/319	12,5	.60	É um período diferente do atua[w]
Input: .08			Significância: .021	

Fonte: Freitas e Nunes (2019, slide 16).

Embora não tenha sido selecionada nas análises, apresenta-se, na Figura 3, em índices percentuais, a distribuição da vocalização pelas faixas etárias, que não ultrapassa os 17,1% e que indica bem o quadro de variação estável.

Figura 3 – Vocalização de /l/ em coda por contexto e faixa etária (percentuais)



Fonte: elaboração própria.

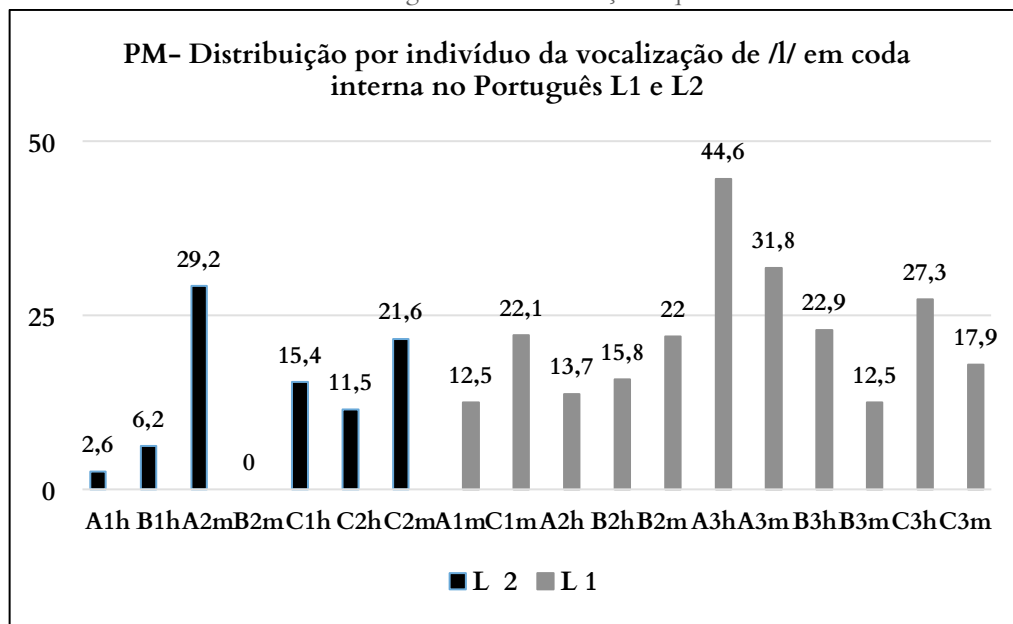
Os mais velhos (faixa C), em ambos os contextos, são os que apresentam os menores índices de vocalização em coda interna e externa (7,6% e 6,9%, respectivamente), enquanto, nesses dois contextos, os mais jovens apresentam o mesmo índice (10,4%), ligeiramente inferior aos dos da faixa intermediária em coda externa (10,7%) e quase sete pontos percentuais abaixo da faixa intermediária em coda interna.

4.2 No PM

No caso do PM, optou-se, como já se afirmou, por avaliar apenas os fatores estruturais que motivam a vocalização, uma vez que há sete falantes de Português L2 e onze de L1⁵, com performances bastante diferentes. Vejam-se as Figuras 4 e 5, que exemplificam a variação por informante nos contextos interno e externo.

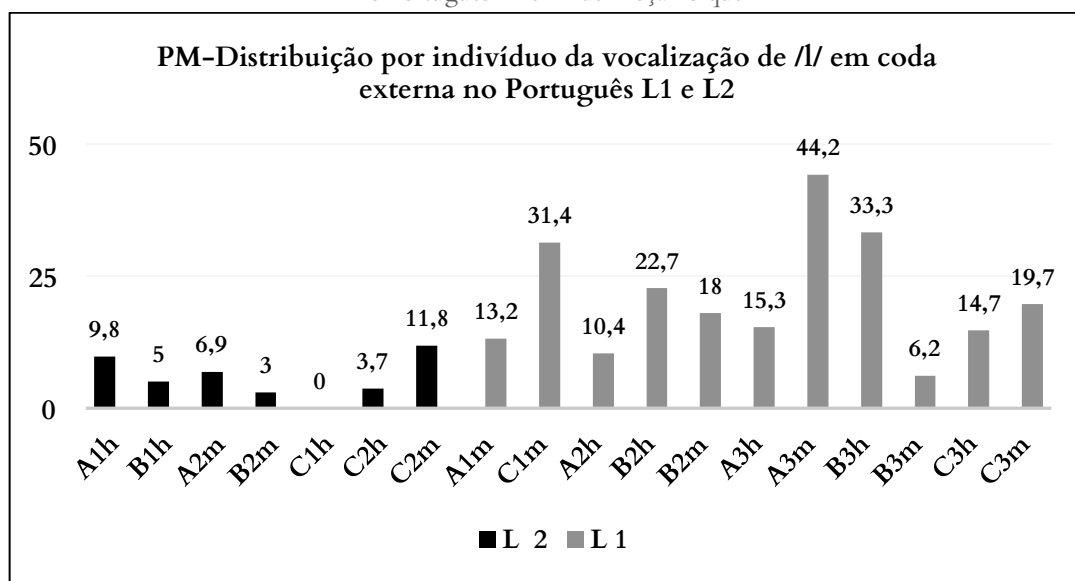
⁵ Os informantes estão representados por códigos. Assim, A, B e C dizem respeito, respectivamente, às faixas etárias consideradas: 18-35, 36-55 e 56-75 anos; 1,2,3, correspondem aos níveis de escolaridade – 1, fundamental, 2, médio e 3, superior; quanto ao sexo/gênero, h, homem e m, mulher.

Figura 4 – Distribuição por indivíduo da vocalização de /l/ em coda interna no Português L1 e L2 de Moçambique



Fonte: elaboração própria.

Figura 5 – Distribuição por indivíduo da vocalização de /l/ em coda externa no Português L1 e L2 de Moçambique



Fonte: elaboração própria.

As variáveis sociais *faixa etária*, *nível de instrução* e *sexo* não estão todas representadas em cada um dos grupos. No Português L2, por exemplo, só há homens representando o nível 1 (fundamental) de escolaridade (A1h, B1h, C1h) e não há representantes do nível 3 (superior), que, diferentemente, estão todos representados, por sexo e faixa etária, entre os falantes L1 (A3h, A3m, B3h, B3m, C3h e C3m).

Por outro lado, pode-se constatar que para L2 parece ser a coda interna a que tende mais à vocalização, embora o informante B2m só vocalize em contexto externo. Quanto a L1, o índice de vocalização nos contextos interno e externo supera os de L2, apesar de a performance dos indivíduos ser bastante irregular: por exemplo, A3h tem 44,6% de vocalização em contexto interno e 15,3% em contexto externo; A3m, por sua vez, tem 44,2% de vocalização em coda externa, índice que cai para 31,8% em coda interna.

Cabe ressaltar que, enquanto os falantes de L1 usam preferencialmente a lateral velarizada, tanto em contexto interno (47,8%) quanto externo (40,4%), os de L2, usam, a variante alveolar, respectivamente, com 78% e 64% de frequência nesses contextos.

Tais observações determinaram, portanto, a opção por verificar, no PM, apenas os fatores estruturais que concorrem para a implementação de [w] em coda interna e externa, computando, em conjunto, os dados de L1 e L2 de cada contexto.

Em *contexto interno*, registraram-se 246 ocorrências de vocalização (20,2%) em 1218 dados, mostrando-se salientes o *ponto de articulação da consoante subsequente* e a *tonicidade da sílaba*.

São as consoantes [-coronais] – as labiais (p. r.. 61) e as velares (p. r. .54) – as que mais propiciam a vocalização, em geral mais produtiva na sílaba pretônica (p. r. .55).

Tabela 3 – PM: atuação de duas variáveis estruturais para a implementação da variante [w] da lateral anterior em coda interna

PM – /l/ em coda interna				
Ponto de articulação da consoante subsequente	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Labial	106/377	28,1	.61	a[w]binos
Alveolar	57/489	11,7	.38	assa[w]to
Velar	83/352	23,6	.54	a[w]guma
Tonicidade da sílaba				
Tônica	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Pretônica	213/927	23	.55	a[w]tura
Tônica	33/291	11,3	.33	bo[w]sa
Input: .18			Significância: .023	

Fonte: elaboração própria.

Em *contexto externo*, há 129 ocorrências (15,1%) de vocalização nos 855 dados coletados, atuando para sua implementação fatores relacionados à *vogal antecedente*, à *tonicidade da sílaba* e ao *contexto subsequente*.

Diferentemente do que se esperava, [a], em geral tida como uma vogal desencadeadora do processo, foi a que se mostrou menos atuante (p. r. .40), sendo [u] (p. r. .86) e [ɔ] (p. r. .50) os contextos preferenciais da vocalização. Com [ɛ] e [o] antecedendo /l/ final, há poucos itens lexicais no *corpus*: após [ɛ], só anel (1 oco), cruel (1 oco), papel (3 ocos) e Machel (3 ocos), em que só os dois últimos apresentaram cada um dois casos de vocalização, motivo pelo qual o contexto não foi considerado na análise. Em relação a [o], só se registrou a palavra álcool, com cinco ocorrências, nenhuma delas com vocalização.

Mais uma vez é no âmbito de uma vogal átona, neste caso a postônica (p. r..63), que a vocalização é mais produtiva, sobretudo diante de consoante surda (p. r. .58) e de pausa (.55).

Tabela 4 – PM: atuação de duas variáveis estruturais para a implementação da variante [w] da lateral anterior em coda externa

PM – Coda externa				
Vogal antecedente	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
[a]	62/496	12,5	.44	pra ir pro hospita[w]
[e]	19/65	29,2	.60	É impossível[w] mesmo
[i]	31/230	13,5	.49	mais difíci[w] nesses tempos
[ɔ]	4/27	14,8	.50	Já não joga futebo[w]
[u]	9/24	37,5	.86	Mas não é no su[w] não
Tonicidade da sílaba				
Tônica	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Tônica	84/656	12	.45	a melhor novela é do Brasi[w]
Postônica	45/153	22,7	.63	não é fáci[w] [p]ra deixar.
Contexto subsequente				
Pausa	Apl/Nº	%	P.R.	Exemplos
Pausa	55/327	16,8	.55	fazem agora o casamento civi[w]
Consoante surda	35/180	19,4	.58	não é faci[w] [p]ra deixar
Consoante sonora	27/172	15,7	.50	é preferíve[w] [l]obolar
Vogal	12/175	6,9	.31	não é possível[w] [a]ndar
Input: .13			Significância: .017	

Fonte: elaboração própria.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se observar os fatores que concorrem para a difusão da vocalização de /l/ em coda silábica na fala urbana do PST e do PM. O processo, que atuou na passagem do Latim ao

Português, é muito antigo e está disseminado na maior parte dos dialetos brasileiros, sendo, ao que parece, pouco produtivo no PE, que serve de referência às duas variedades africanas.

Nas duas áreas, em que predominam as variantes velarizada e alveolar, a vocalização é implementada sobretudo por fatores estruturais.

Dentre os primeiros, destacam-se (i) quanto à *tonicidade da sílaba*, que só não atua no PST na coda externa, as sílabas átonas (pretônica ou postônica); (ii) em coda externa, no PST e no PM, a ocorrência de pausa no contexto subsequente e (iii) a qualidade da vogal na coda interna no PST e na externa, no PM.

Quanto às restrições sociais, sobressaem (i) no PST, a variável sexo, estando as mulheres ligeiramente à frente dos homens em ambos os contextos e (ii) no PM, com base no que se retratou nas Figuras 4 e 5, o *estatuto do Português*: ser falante L1 ou L2 parece ter consequências no que se refere ao uso das variantes, já se sabendo que falantes L1 cultos apresentam taxas de vocalização que vão de 12,55% a 44,6% em contexto interno e de 6,2% a 44,2% em contexto externo.

Com base nos *corpora* representativos das duas variedades africanas a que se teve acesso, pode-se dizer que a vocalização é um processo ainda em estágio inicial e que merece ser observado em maior profundidade, tendo em vista que essas comunidades, falantes de Português como L1 ou L2, são marcadamente multilíngues, o que pode pressupor a interferência das línguas locais.

No PST, dentre os crioulos que ali coexistem, o Forro ou Santomé sempre foi o mais usado na área, mas o percentual de falantes vem decrescendo ao longo dos anos. Araújo (2020, p. 69-70) apresenta dados percentuais que demonstram que entre 1981 e 2012 houve um decréscimo no número de usuários desse crioulo (de 54,387% para 33,57% e o consequente aumento de falantes de Português (de 62,61% para 90,9%), chegando, em 2016, a 98,4%.

Ferraz (1979, p. 46) que estudou o Santomé de forma mais abrangente, indica que sua estrutura silábica mais comum é CV (eventualmente CCV) e que os itens lexicais do Português com /l/ em coda a ele incorporados eram (i) ou cancelados em coda tanto medial (*vulto* > *vulto*), quanto final (*natal* > *nata*), o que ocorre, respectivamente, em 3,9% e 5,8% das ocorrências do *corpus* aqui analisado, (ii) ou, por metátese, transferidos para posição de onset (*culpa* > *clupa*; *alguidar* > *ligida*), o que não se registrou no *corpus*. Por outro lado, não há, nessa obra, nenhum exemplo de sílaba fechada por semivogal.

Moçambique, como se viu, é um país plurilíngue, em que um grande número de línguas do grupo Banto se distribui pelas diferentes províncias e onde o Português é mais falado como L2. Em Maputo, foram apontadas como suas línguas maternas pelos 7 informantes L2 da pesquisa o Changana (4) e o Rhonga (3), as mais difundidas na cidade. Só se teve acesso a uma gramática do Changana (NGUNGA; SIMBINI, 2012), em que se afirma que “quando a sílaba compreende mais do que um

fonema, todos os elementos não silábicos ocorrem na margem esquerda (portanto, nunca na margem direita) e é obrigatória a presença de uma vogal que é o elemento proeminente da sílaba” (p. 67). Entre os falantes L2 do corpus, o cancelamento de /l/ foi de 2,4% em coda medial e 5,4% em coda externa.

Pode-se formular a hipótese de que as variantes de /l/ registradas nos *corpora* aqui considerados representativos do PST e do PM urbanos parecem seguir as tendências indicadas em estudos sobre o PE, variedade que lhes serve de referência no âmbito das instituições de ensino e da mídia. No estudo de Leite; Callou; Moraes (2007), o percentual de vocalização no PE, computados os dois contextos, é de 18%; no PM, em coda interna, o índice é de 20,2% e, na externa, 15,1%; no PST, registraram-se, respectivamente, 11,7% e 9,7%, sendo o processo, também como no PE, mais atuante em posição interna.

Outras questões relacionadas à variação de /l/ em coda – como a observação em separado dos fatores que condicionam as variantes velarizada e alveolar, a consideração de dados provenientes de outros *corpora* mais recentes selecionados da fala de jovens de menos de 18 anos, de indivíduos com pouco ou nenhum acesso à educação formal e, no caso de Moçambique, naturais de províncias em que o Português tenha menor representatividade – podem trazer novos resultados e permitir que melhor se caracterizem as normas em construção nessas comunidades.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, Gabriel Antunes. Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n° 1, p. 57-78, 2020.
- BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviani Tebaldi. A vocalização da consoante lateral em Flores da Cunha em uma variedade do português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. *Gragoatá*, Niteroi, n° 40, p. 90-112, 2016.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; PESSANHA, Davi Bretas dos Santos; PONTES, Stefany de Paulo; CORRÊA, Monique Oliveira. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, v. 27, n° 2, p. 191-213, 2017.
- BOUCHARD, Marie-Eve. **Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé**. Doctoral dissertation (Doctor of Philosophy) – Department of Linguistics, New York University, 2017.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Processos de enfraquecimento consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs). **Gramática do português falado**. Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 537-555.
- CHIMBUTANE, Feliciano. Portuguese and African languages in Mozambique. In: LÓPEZ, L. A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. O. de (Orgs.). **The portuguese language continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 89-110.
- COSTA, Cristine Ferreira. A vocalização da lateral pós-vocálica como fenômeno neo-gramático do nível pós-lexical. Porto Alegre, *Organon*, v.18, n° 36, p. 83-91, 2004.
- CUNHA, Celso. Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 5, p. 199-230, 1986.
- DAL MAGO, Diane. O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 2, n° 1, p. 31-44, 1998.
- DEMASI, Maria do Socorro. O -l pós-vocálico na fala culta do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Orgs) **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 115-143.
- ESPIGA, J. W. R. Como se combinam a mudança e o contato linguístico: a regra telescópica da lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais. In: VANDRESEN, Paulino (Org). **Varição e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 69-94
- FERRAZ, Luiz Ivens. **The creole of São Tomé**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1976.

- FREITAS, Felipe de Souza; NUNES, Mariana Joel. **Uma análise comparativa sobre a lateral em coda em duas variedades africanas do Português**. Comunicação apresentada à XLI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2019.
- HAGEMEIJER, Tjerk. As línguas de São Tomé e Príncipe. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, Macau, v., n°1, p. 1-27, 2009.
- HAHN, Laura Helena; QUEDNAU, Laura Rosane. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n° 3, p. 100-113, setembro 2007.
- HORA, Dermeval da. Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n° 18, p. 29-44, 2006.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-25.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of world's languages**. Oxford: Blackwell, 1996.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística Românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1974.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. In: **Atas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa: APL, 2007. p. 423-430.
- MATEUS, Maria Helena Mira; D'ANDRADE, Ernesto. **The phonology of portuguese**. Oxford: University Press, 2000.
- NGUNGA, Armindo; SIMBINI, Madalena Citia. **Gramática descritiva da língua changana**. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, 2012.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora [1960].
- PAULA, Ronaldo Rodrigues de; DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística em Moçambique. In: LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski (Orgs.) **Kadila: culturas e ambientes - diálogos Brasil-Angola**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 343 -362.
- QUANDT, Vivian de Oliveira. **O comportamento da lateral anterior na fala do Norte-Noroeste Fluminense**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- QUEDNAU, L. R. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

- RÉVAH, Israël Salvator. Commentet jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVIe.-XVIIe. siècles? In: **Acta do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros**, Lisboa, 1957. v. I. Lisboa. 1959. p. 271-291.
- RÉVAH, Israël Salvator. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIe siècle à nos jours. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1958. p. 387-399.
- SÁ, Edmilson José de. O uso variável da lateral // pós-vocálica em posição de coda em português e espanhol. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL**, v. 4, nº 7, p. 1-9, agosto de 2006.
- SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.) **Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 269-302.
- TEIXEIRA, Eliana Pitombo. Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoante //l/. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, nº17, p. 59-68, julho de 1995.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues; PISSURNO, Karen Cristina da Silva (Orgs.). **Corpus Moçambique-PORT**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: <www.corporaport.lettras.ufrj.br>.
- VIEIRAS, Nancy Mendes Torres; BALDUÍNO, Amanda Macedo. Apagamento de /R S L/ no Português de São Tomé: convergência linguística? **Papia**, v. 30, nº 1, p. 7-33, 2020.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Martin. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.